

Diagnosticando nas tipologias / *Diagnosing in typologies*

Yolanda Gloria Gamboa Muñoz*

RESUMO

O artigo a seguir, apresentado resumida e presencialmente no *World Congress Michel Foucault: 40 years After - Perspectivas da Margem*, constitui uma experiência em aberto sobre a problemática filosófica e psicológica das tipologias ligada ao diagnóstico da atualidade. Parte-se de um mapeamento de determinadas tipologias no curso *Os anormais* de Foucault passando a ressaltar um aparente desvio e exemplo literário-político através de *Les Visions du Château des Pyrénées* e introduzindo, a seguir, o “caso” do intelectual específico como uma descrição tipológica ao porvir. A continuação, abordam-se determinados elementos das tipologias em Nietzsche, especialmente sua caracterização do criminoso, assinalando possíveis afastamentos foucaultianos, e esboçando, finalmente, um ângulo do problema tipológico em nosso presente ligado à experiência da ficção cinematográfica.

PALAVRAS-CHAVE: Tipologias; Intelectual; Criminoso; Foucault; Nietzsche.

ABSTRACT

The following paper, briefly presented in person at the World Congress Michel Foucault: 40 years After - Perspectivas da Margem, constitutes an open-ended exploration of the philosophical and psychological issues surrounding typologies as they relate to contemporary diagnosis. It begins with a mapping of certain typologies in Foucault's Abnormal lectures, moving on to highlight an apparent deviation and a literary-political example through Les Visions du Château des Pyrénées, and subsequently introducing the “case” of the specific intellectual as a typological description yet to come. Following this, it addresses certain elements of Nietzsche's typologies, particularly his characterization of the criminal, noting possible Foucauldian

* Professora dos programas de graduação e pós-graduação da PUC/SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil) desde 1995; a participação presencial no World Congress Michel Foucault: 40 years After - Perspectivas da Margem (UFF – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro) teve apoio do PPG Filosofia da PUC-SP e do PROEX-Capes.

divergences. Finally, it sketches an angle of the typological problem in the present, linked to the experience of cinematic fiction.

KEYWORDS: Typologies; Intellectual; Criminal; Foucault; Nietzsche.

1. Mapeando tipologias

O curso *Les Anormaux* (1974-75) nos aparece como uma chave para desenvolver a temática do que habitualmente entendemos por tipologias. Escutemos novamente algumas das nuances, matizes e redes que se materializam nessas aulas. Meu autolimites para encontrar uma das chaves tipológicas será as três primeiras aulas em que Foucault denomina e descreve a teoria do Ubu psiquiátrico-penal (FOUCAULT, 1999, p.14)¹. Nessa descrição esclarece que os discursos psiquiátricos em matéria penal não introduzem outra cena, mas se desdobram *sobre* a mesma cena (FOUCAULT, 1999, p.15). De modo que a expertise psiquiátrica² faz passar do ato à conduta, do delito à maneira de ser como sendo outra coisa que o próprio delito constituindo um duplo psicológico-ético do delito em que não se explica o crime, mas “é necessário punir a coisa mesma”. (FOUCAULT, 1999, p.16). Aparece assim um certo personagem que se oferece ao aparelho judicial:

um homem incapaz de se assimilar ao mundo, amando a desordem, cometendo atos extravagantes ou extraordinários, odiando a moral, renegando suas leis e podendo ir até o crime.” (Foucault, 1999, p.17).

Trata-se da criminalidade avaliada do ponto de vista psicológico-moral. Neste cenário constituem-se o que eu gostaria de denominar novas tipologias (e que Foucault menciona como diversas figuras ou círculos). Assim o experto psiquiatra (o UBU)³ faz do autor do delito (dobrado com a criminalidade) um personagem novo no século XVIII que é o delinquente. Também se constitui um médico-juiz adentrando-se no terreno da anomalia mental. Cenário em que irrompem as seguintes perguntas segundo Foucault: O indivíduo é perigoso? É acessível a uma sanção penal? É curável ou readaptável? (FOUCAULT, 1999, p.24).

¹ Houve a introdução deste adjetivo em 1922 a partir da peça de A Jarry UBU roi (Paris, 1896).

² O perito psiquiatra na tradução ao português (FOUCAULT, 2001, p.46). Todas as traduções em que citamos o original em francês ou espanhol são de minha autoria. Nas traduções do original em alemão contamos com a ajuda da professora Susanne Bartsch.

³ Foucault trabalhará o “terror ubesco” ou a “soberania grotesca” como “engrenagens que são parte inerente dos mecanismos de poder” (FOUCAULT, 2001, p.15).

As técnicas de normalização que estão aí ligadas não seriam só o reencontro do saber médico e poder judicial, porém “um tipo de poder de normalização que se mostra na cena teatral do tribunal” (FOUCAULT, 1999, p.24). Dessa forma e, já no começo do século XIX, seriam reivindicados o poder judiciário do médico e o poder médico do juiz (FOUCAULT, 1999, p.36).

Eis um exemplo de como Foucault irá mapeando e desconstruindo o que denomino tipologias estabelecidas em termos de poder/saber: indivíduo perigoso⁴, anormais. Lembremos que dentro das anomalias do século XIX estaria o monstro humano como grande modelo de todos os pequenos desvios e o monstro pálido (*pâle*), cotidiano e banalizado: “o anormal”. O indivíduo a corrigir (o incorrigível) e o masturbador. Assim lida com a descrição de três tipologias: o monstro, o incorrigível e o masturbador. É claro que Foucault falará a seguir da rede de saber e poder que reunirá as referidas três figuras. Segundo sua análise será no fim do século XIX e no XX que aparece outra tipologia: o monstro moral (FOUCAULT, 1999, p.75) situação em que o crime terá uma natureza e o criminoso será caracterizado por sua criminalidade.

Abandonemos esse rápido ponto de partida entre tipologias para trilhar um aparente desvio no estudo de Foucault. Trata-se de sua menção à literatura de terror referindo-se à sua irrupção no fim do século XVIII, nos anos contemporâneos à revolução, onde apareceria “A natureza contra-natureza do criminoso” e onde o monstro seria apresentado em dois tipos: o monstro por abuso de poder (o príncipe, o senhor, o mau padre, o monge culpado) e o monstro que retorna à natureza selvagem [o bandido (*le brigand*), o homem da selva, o bruto com seu instinto ilimitado]. Nessa ocasião Foucault analisa *Les visions du Château des Pyrénées* de Ann Radcliffe⁵ como temática política e imaginária da época. Foucault menciona o castelo dos Pirineus em sua dupla

⁴ Neste escrito o “*indivíduo perigoso*” será caracterizado como “nem exatamente doente nem propriamente criminoso” (FOUCAULT, 2001, p. 43). Em geral, e considerando outros escritos, será diagnosticado por Foucault na sua situação relacional; isso à medida que constitui uma entidade criada no cruzamento entre saber médico ou psicológico e a instituição judicial. Por esse mesmo caráter de ponto relacional, o “*indivíduo perigoso*” teria sido detectado por Foucault como suscetível de ser usado em “novas relações”, assim, por exemplo, em 1983, no artigo « *Vous êtes dangereux* » (FOUCAULT, 1994i, v. IV, p. 522-524).

⁵ *Les visions de Château des Pyrénées* atribuído a Ann Radcliffe, Paris, 1803 seria um romance apócrifo, mas que produz muitos efeitos, como por exemplo, essa análise de Foucault, a imagem de Magritte e atuais romances a partir dele como *O castelo dos Pirineus* de Jostein Garden. Em todo caso tornou-se, talvez sem que esse tenha sido seu propósito, uma espécie de *Vocação Suspensa* de Klossowski (1950), em que valem os comentários de um livro propositalmente inexistente. No entanto, e diferencialmente, o livro *Les visions de Château des Pyrénées* existe materialmente, mesmo que seja apócrifo, foi traduzido ao francês em 1810, e não é um acaso que ele tenha sido somado aos numerosos romances de terror de Ann Radcliffe, dos quais Foucault resgatará “signos característicos, figuras, relações (*rappports*), estruturas que têm podido ser reutilizadas por outros”. (FOUCAULT, 1994a, v.I, p.805).

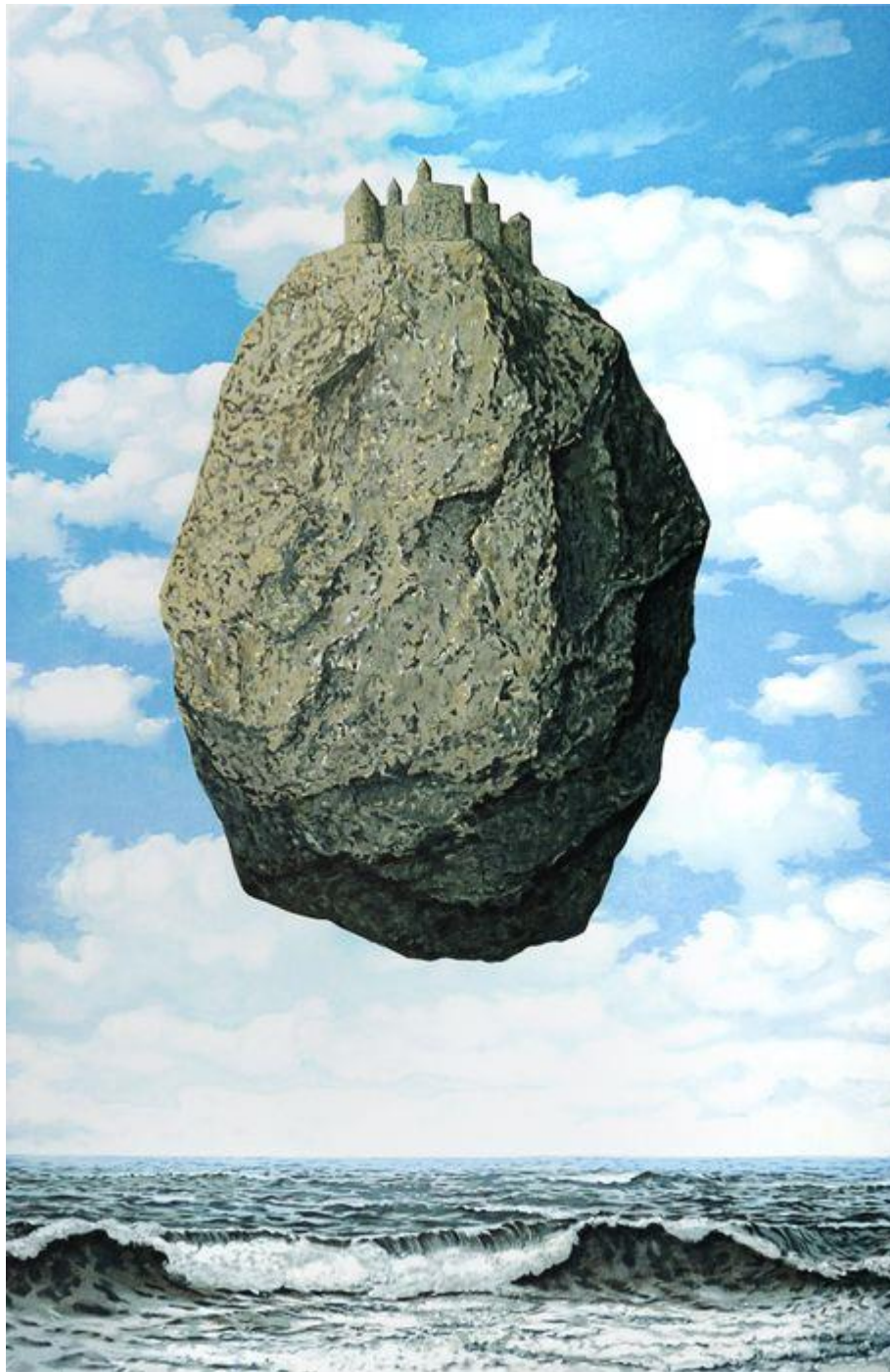
monstruosidade e cujo cenário também é duplo: castelo forte e montanha inacessível. De maneira que o castelo feudal operaria como signo da superpotência do senhor, como uma manifestação da potência criminosa fora da lei que se unifica com a potência selvagem da natureza onde os bandidos (*brigands*) tem-se refugiado. Imagem muito densa das duas formas de monstruosidade tal como aparecem na temática política e imaginária da época. (FOUCAULT, 1999, p.93).

No entanto, a relação com a menção a esse romance apócrifo, já estava presente como “exemplo simples” na conferência de 1969 *Qu'est-ce qu'un auteur ?* Precisamente uma conferência na qual Foucault referir-se-á à possibilidade de uma tipologia dos discursos (FOUCAULT, 1994a, v. I, p. 810). Fará a referência ao diferenciar “os romances” de Ann Radcliffe “que abrem o campo para certo número de semelhanças e analogias que têm seu modelo ou princípio em sua própria obra” dos “instauradores de discursividade”, isto é, Marx, Freud, que não só produzem possíveis analogias, mas “rendem possível certo número de diferenças”. (FOUCAULT, 1994a, v. I, p.805). Em todo caso, é pertinente, em termos discursivo-tipológicos acompanhar a descrição foucaultiana do romance de terror a partir da referida autora:

No romance de terror do século XIX se reencontrará, como em Ann Radcliffe, o tema da heroína encurralada nas armadilhas (*pièges*) de sua própria inocência, a figura do castelo secreto que funciona como uma anti-cidade (*contre-cité*), o personagem do herói negro (*noir*), maldito, destinado a fazer expiar no mundo o mal que se lhe tem feito, etc. (FOUCAULT, 1994a, v. I, p.805).

Em 1958 René Magritte, sob encomenda, criará uma imagem (que pode ou não estar ligada a esse romance), imagem-experiência⁶ que a descrição de Foucault não menciona, mesmo que poderia estar presente na forma de “Isto não é um Castelo dos Pirineus”. Foucault simplesmente centra-se na dupla monstruosidade explicitada no referido e apócrifo romance o que o leva a afirmar: “Os romances de terror devem ser lidos como romances políticos” (FOUCAULT, 1999, p.93). Em todo caso sugiro continuar nossa exposição acompanhados pela imagem-experiência de Magritte.

⁶ Foucault distingue explicitamente em 1982 as “obras” das “experiências”; as últimas, nas quais inclui Magritte, seriam “formas de trabalho que abrem” (FOUCAULT, 1994h, v. IV, p. 244).



Le château des Pyrénées. René **Magritte**

2. Desconstruindo tipologias

Podemos dizer que assim como Foucault desmonta em seus diversos mapeamentos discursivos as denominadas essências e faz isso peça por peça, porque ele sabe que foram construídas a partir de figuras que lhe são estranhas (FOUCAULT, 1994b,

v. II, p.138), também o faz com as tipologias, mostrando-as como formações de práticas históricas e políticas e inserindo nelas feridas críticas e produtivas (FOUCAULT, 2011).

Mas trata-se de avaliar dessa maneira a operação do desmonte, com a qual a maioria dos estudiosos do pensamento foucaultiano concordaria. Todavia ficam no ar determinadas perguntas: existem esboços de novas tipologias na discursografia e audiografia foucaultiana? Em que camadas teríamos que situar sua ocupação, desde a antiguidade, com as condutas, com as ocupações consigo mesmo, com as possibilidades de novos modos de vida? Fora da imagem e da tipologia que para os pensadores antigos teriam sido indissociáveis? E em nosso século, localizados num presente anárquico, o intelectual específico não poderia ser considerado uma nova tipologia? Não surge nos discursos foucaultianos como um possível “diagnosticador do perigo principal”?

Sem pretensões de responder podemos recorrer à explicitação de nuances ou matizes necessários. Sabemos que no caso do intelectual específico ele foi pensado com distância, como alternativa ao intelectual universal (MUÑOZ, 2000, p.35-47); temática que a maioria dos estudiosos de Foucault necessariamente trilharam. Porém, se levarmos em conta as declarações do filósofo mascarado, isto é, de Foucault encenando esse papel, ele disse nunca ter encontrado intelectuais, mas escritores de romances, cuidadores de doentes, estudiosos econômicos, compositores de música eletrônica, pessoas (*gens*) que ensinam, que pintam, e algumas que ele não compreende o que fazem, mas, intelectuais nunca encontrou. Encontrou, porém, muitos que falam do intelectual e de tanto escutá-los fez uma ideia do que “poderia ser esse animal”: um culpado um pouco de tudo: de falar, de calar-se, de não fazer nada... Uma matéria primeira destinada a ser sentenciada, condenada, excluída... Todavia, para ele, filósofo mascarado, esse animal não existe (FOUCAULT, 1994g, v. p.105).

Diante dessa desconstrução tipológica do intelectual, cabe se perguntar: Foucault estaria somente mascarando uma temática que lhe era cara? Ou, efetivamente, em 1980 ele já não queria ouvir e falar sobre essa temática que a atualidade e a repetição interpretativa começavam a torná-la tipológica no sentido de estabelecida, cristalizada e mumificada? Ou esse desmonte poderia abranger ambas as possibilidades?

3. Diagnosticando nas tipologias

Enfrento agora o desafio do título com a seguinte interrogação: A problemática das tipologias (como experiência-desenho a ser ainda continuada) formaria parte das teses

anti-nietzscheanas de Foucault? Neste caso respondo de imediato (*al tiro*, como se diz em minha terra): De nenhuma maneira! Descrever e até desmontar tipologias seriam teses completamente nietzscheanas! Segundo, por exemplo, o professor Oswaldo Giacoia, as tipologias estariam presentes nas “diferentes esferas culturais da sociedade e da cultura europeia do final do século XIX” (GIACOIA, 2024, p. 44). Dessa forma teríamos que considerar Nietzsche vinculado a fontes tanto científicas como literárias em sua crítica à modernidade cultural e política, em suas teorias da *décadence* e aos artistas e críticos literários ligados ao decadentismo francês.

Podemos acrescentar que Nietzsche parece voar, como o faz efetivamente nos prefácios, a partir do uso crítico e deformador de suas próprias fontes. No entanto, no caso das tipologias, ele estaria atado às suas fontes, ao menos como ponto de partida, nas ocasiões em que se refere “ao louco, ao criminoso e ao gênio” (que é o título do artigo do professor Giacoia ao que fazemos referência). Limitando-nos ao caso do criminoso retomemos algumas das citações do próprio Nietzsche recolhidas pelo crivo ou seletividade do professor Giacoia nesse artigo:

O tipo criminoso é o tipo do ser humano forte sob condições desfavoráveis, um homem forte que tornaram doente [...] é na sociedade, em nossa mansa, castrada sociedade, que um ser natural, vindo das montanhas ou das aventuras do mar, necessariamente degenera em criminoso (NIETZSCHE, 1985, p.104).

E num aforismo póstumo, como anotação prévia:

Em nossa sociedade domada, temerosa (*ängstliche*), fatalista, medíocre que o homem forte (necessariamente) tem de degenerar em criminoso. Pense-se naquelas casas correcionais da Sibéria, que Dostoiévski descreve: ele as considera como as naturezas mais fortes e aptas da alma russa” (NIETZSCHE, 1980, KSA 14,433 ap. GIACOIA, 2024, p.46).

Mas há também o criminoso comum (o pálido criminoso, o criminoso atrofiado) que não estaria à altura de seu ato, pois ele o diminui e difama:

[...] o que faz empalidecer o pálido criminoso é a impossibilidade de assumir conjuntamente o seu próprio ato e a imagem deste mesmo ato. É ainda mais a imagem de seu ato que o torna pálido, fraco, alquebrado (GIACOIA, 2024, p. 48).

Essas citações, a partir de um aspecto tipológico específico, repousam, porém, sobre uma ampla problemática sobre a qual teríamos que refletir:

As hipóteses teóricas de Nietzsche a respeito da criminalidade, das figuras de criminosos e dos principais fatores ou causas determinantes da ocorrência e disseminação dos crimes na sociedade – fatores biológicos, psicológicos, sociológicos, políticos e culturais – são frequentemente ambíguas e discrepantes; por vezes até mesmo aparentemente contraditórias (GIACOIA, 2024, p. 43).

Outrossim, gostaria de mencionar, ao modo de um voo, que em Nietzsche aparecem movimentos tipológicos em outros níveis, por exemplo, ao retomar o “*pepaideumenos*” (traduzido como homem bem formado, educado) de Isócrates (ISOCRATES, 2003, v. IV, 32-33, p.95-96) e atualizá-lo no século XIX como “o homem bem logrado” (*der wohlgeratene Mensch*) (NIETZSCHE, 1977, p. 43-44) ; tipologia usada para se autodescrever no *Ecce Homo* (*af.2, por que sou tão sábio?*) que já temos analisado (MUÑOZ, 2019, p. 35-47). Porém, e mais abrangentemente, Nietzsche observa as transformações tipológicas desde o cenário platônico e cristão. Lembremos que em o *Crepúsculo dos Ídolos*, no primeiro cenário de “Como o verdadeiro mundo acabou por se tornar fábula” (NIETZSCHE, 1985, p.30) aparece Platão como a verdade (Eu Platão sou a Verdade) e nele são citadas as tipologias do sábio (*den Weissen*), devoto (*den Frommen*) e virtuoso (*den Tugenhaften*), que não eram somente personagens que viviam no cenário da antiguidade, mas eram o próprio cenário (*er lebt in ihr, er ist sie*) e a seguir, no cenário cristão, acrescentava (ou os reduzia) a um outro personagem tipológico: “o pecador que faz penitência” (*für den Sünder, der Busse tut*), em todo caso, descrevendo um novo cenário.

Por outra parte, mesmo que Nietzsche acompanhe e interfira na desmontagem tipológica, permanece o desenho de possibilidades afirmativas como o avesso, ou como um suplemento afirmativo... Assistimos dessa maneira a um procedimento *conjunto*, se vocês quiserem. Assim, no diagnóstico de sua atualidade o “último homem” como homem da modernidade é acompanhado de uma possibilidade outra desenhada como alvo, meta: o Além do homem, ou supra-homem⁷.

4. Inventando novas tipologias?

⁷ O texto de Müller-Lauter (2009) desenvolve essa perspectiva, mesmo que privilegiando as análises das tipologias efetivas. As tipologias-alvos de Nietzsche, como gostaríamos de denominá-las, são reunidas como se fossem “a mesma coisa”: O grande homem, o mais potente, o mais sábio, o mais elevado, o solitário, o rico, o pleno, o completo, o bem logrado. Como já escrevemos ao respeito: as diversas tipologias-alvos precisam ser distinguidas (MUÑOZ, 2019, p. 50).

Sabemos que em 1984 Foucault dizia ter trabalhado com teses nietzscheanas e antinietzscheanas⁸. Não poderia ser como uma tese antinietzscheana (que, como ele disse, também são nietzscheanas) que, à primeira vista, Foucault nos apareça enfatizando a multiplicação de outros modos de vida sem cair na armadilha de desenhar novas tipologias-alvos? Interessante, todavia, que neste aspecto diagnóstico, ele próprio tenha sido associado ao tipo do intelectual específico, do parresiasta, e no avesso, ao tipo do agente do capitalismo⁹, e, ultimamente ao tipo do empresário neo-capitalista...

Limitemo-nos novamente à tipologia do criminoso.

Diagnosticando a partir de nosso presente anárquico e em perspectivas marginais considero que seria necessário considerar um diagnóstico foucaultiano feito no prefácio de 1976 denominado *Une mort inacceptable*¹⁰, como uma desmontagem de um procedimento judicial mal conhecido onde volta a inserir, na forma de desvio, uma relação com a literatura policial e a “literatura” judicial:

Em os romances policiais, os enigmas são feitos para serem facilmente resolvidos; existe uma literatura judicial, cotidiana, no gabinete de certos juízes de instrução que termina por edificar (*bâtir*) um enigma insolúvel (FOUCAULT, 1994d, v. III, p.7).

Trata-se de uma fábrica do segredo confiscando a verdade, mas também dissolvendo sutilmente o real no documentário, na instrução, nos ruídos “*bruits*” em que são cúmplices para a decisão: o culpado, a polícia, o magistrado instrutor e a magistratura (*le parquet*). Essa reflexão continua ou culmina em “O uso do criminoso” de 1979, isto é, 3 anos após o curso sobre *Os Anormais*. Nela Foucault refere-se ao criminoso, às confissões e à punição. É do criminoso (como nos romances e filmes policiais acrescentemos) do qual precisam a imprensa e a opinião, ele vai ser odiado, mas também precisam dele os jurados e a corte. Dessa maneira é do criminal e não do crime que se precisa para fixar a sentença (FOUCAULT, 1994f, v.III, p.661).

⁸ Eu sou simplesmente nietzscheano, e ensaio, na medida do possível e sobre um certo número de pontos, ver, com ajuda de textos de Nietzsche – mas também com teses anti-nietzscheanas (que são também nietzscheanas!) (*qui sont tout de meme nietzschéennes!*) o que se pode fazer em tal ou tal domínio. Eu não procuro outra coisa, mas isso, eu o procuro bem” (FOUCAULT 1994j, v. IV, p.704).

⁹ Denominação feita “por falar do espaço”, como declara na entrevista de 1978 *La scène de la philosophie* (FOUCAULT, 1994e, v. III, p. 376).

¹⁰ Prefácio a Cuau B. *L’Affaire Mirval ou Commente le récit abolit le crime*, Paris, Les Presses d’aujourd’hui, 1979. Pp.VII-XI.

5. Nosso desvio diagnóstico

A partir da imagem de Magritte que nos acompanhou petrificada em seu próprio espaço, talvez seja pertinente reintroduzir *esse Castelo dos Perineus*, que junta o peso e a pedra de ambos os cenários numa cena-cenário hilária e perigosa. Extrapolemos e ousemos dizer: assim como Nietzsche fazia com as tipologias do sábio, devoto e virtuoso fazendo delas o próprio cenário de Platão. E, seguindo nessa gestualidade, assim como Foucault juntava na mesma cena das aulas citadas do curso *Les anormaux* não só os dois tipos de monstros, mas os discursos psiquiátricos em matéria penal assinalando que eles não introduziam outra cena, mas se desdobravam *sobre* a mesma cena que abrigava o especialista ou perito psiquiátrico e o médico-juiz.

E situados em nosso cenário discursográfico, a modo de esclarecimento, finalizemos nosso desvio expondo o cadáver discursivo no qual cortamos ou selecionamos a problemática da tipologia do criminoso e digamos que nosso diagnóstico atual sobre a produção de tipologias passa pela produção ficcional e, especialmente, pela cinematográfica...

Raul Ruiz, em seus diversos escritos (2013), já nos dizia que a resistência atual passava pelo cinema, que não existem “filmes ruins” e que cada filme que assistimos é como viver uma vida outra ... Considero que a grande maquinária atual de nossa imaginação tipológica está ligada às velhas e novas formas de vida mostradas pela máquina comercial (e também pela marginal ou não comercial, se é que ela existe, dos filmes que vivemos/assistimos). Olhando e escutando àqueles que inventam um cinema perigoso e do porvir tendo-o como alvo, mas que se efetiva no seu cotidiano criativo, poderíamos talvez pensar numa filosofia dos gestos e em seus efeitos tipológicos nas transformações do filósofo. De modo radical-experimental cito o cineasta Eduardo Lirón:

Seria possível compreender a passagem da figura do filósofo, que dedica sua existência ao saber (linguagem), à do filokinético, esse filósofo do porvir que dedicaria sua existência ao mover (gesto). O cinema experimental pode assim ser visto sob a imagem de algo que se põe em atrito com o mundo na expectativa de produzir faíscas que iniciem a combustão dos termos em relação (LIRON, 2024, p.10).

Se escuto outras vozes próximas, neste caso a de Verydiana Pedrosa¹¹, teria que dizer que ainda falta muito para meu diagnóstico lançar-se como flecha atual: considerar desde a

¹¹ Refiro-me especialmente aos questionamentos e ao trabalho de Verydiana Pedrosa: *A eterna ampulheta do existir: Nietzsche e o fanatismo*. (PEDROSA, 2023).

irrupção dos *influencers* como tipologias gregárias, a problemática atual dos *perfis* e sua pretensa “condução de condutas” até a presença do avesso petrificado, mumificado e conservador na constituição tipológica do *fanatismo* político-terrífico.

Todavia, e somente de forma provisória, finalizo com as tipologias na forma da pedra-construção de Magritte que, ocupados como “intelectuais específicos” em diagnosticar “o perigo principal”, poderia cair sobre nós de forma súbita e perigosa.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. Qu'est-ce qu'un auteur ? In : *Dits et écrits*. vol. I, Paris, Gallimard, 1994a, p.789-820.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, la généalogie, l'histoire, In *Dits e Écrits v. II*, 1994b, p. 136-156.

FOUCAULT, Michel. La vérité et les formes juridiques In *Dits et Écrits*. II, Paris, Gallimard, 1994c, p. 538-646.

FOUCAULT, Michel. Une mort inacceptable, In *Dits et écrits*. vol. III, Paris, Gallimard, 1994d. p.7-9.

FOUCAULT, Michel La scène de la philosophie“, In *Dits et écrits*. vol. III, Paris, Gallimard, 1994e. p.571-595.

FOUCAULT, Michel. Du bon usage du criminel, In *Dits et écrits*. vol. III, Paris, Gallimard, 1994f. p.657-662.

FOUCAULT, Michel Le philosophe masqué, In *Dits et écrits*. vol. IV, Paris, Gallimard, 1994g. p. 104-110.

FOUCAULT, Michel La pensée, l'émotion, In *Dits et écrits*. vol. IV, Paris, Gallimard, 1994h. p.243-250.

FOUCAULT, Michel Vous êtes dangereux In *Dits et Écrits*. IV, Paris, Gallimard, 1994i. p. 522-524.

FOUCAULT, Michel Le retour de la moral, In *Dits et écrits*. vol. IV, Paris, Gallimard, 1994j. p.696-707.

FOUCAULT, Michel *Les Anormaux*: Cours 1974-1975, Paris, Gallimard, 1999.

FOUCAULT, Michel *Os Anormais*: curso no Collège de France 1974-1975, trad. Eduardo Brandão, São Paulo, Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT M. *Le courage de la vérité*. Le Gouvernement de soi et des autres II. Cours au Collège de France 1984. Paris, Gallimard/Seuil, 2009.

FOUCAULT M. *Le beau danger*. Paris, Ed. EHESS, 2011.

GIACOIA, Oswaldo. O Louco, o Criminoso e o Gênio: Nietzsche e suas Fontes, *Revista Modernos e contemporâneos*, v.8, n.18, IFCH Campinas, 2024, p.43-55.

ISOCRATE, *Discours*, Tome I-IV, trad. Georges Mathieu, Paris, Les Belles Lettres, 2003a.

ISOCRATE *Panathenaique*. In *Discours*, tome IV, p. 62-159, trad. Emile Brémond, Paris, Les Belles Lettres, 2003b, p.62-159.

KLOSSOWSKI, Pierre. *La vocation suspendue*, Paris, Gallimard, 1950.

LIRON, Eduardo. Por um cinema perigoso: pensamentos sobre a especificidade das relações de “O Filme por Vir” *Revista Parallaxe*, v. 9, n. 1, 2023, p.1-14.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *Nietzsche: sua Filosofia dos Antagonismos e os Antagonismos de sua Filosofia*, trad. de Clademir Araldi, São Paulo: Editora Unifesp, 2009.

MUÑOZ, Yolanda G. G. Mapeamentos problemáticos de uma ‘tarefa intelectual’ em Michel Foucault In, *Revista Margem*, vol. 12, Puc-SP, 2000, p. 35-47.

MUÑOZ, Yolanda G. G. *Isócrates e Nietzsche: uma relação perigosa?* São Paulo, Ed. Paulus. 2019.

MUÑOZ, Yolanda G. G. Teatro do presente: prática de uma anarquia radical? In, *Destroços: revista de pensamento radical*, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p.e45917, jan./jun. 2023, p.1-11.

MUÑOZ, Yolanda G. G. A peça Isócrates no quebra-cabeça greco-romano de Foucault, In *Revista Poliéticas* v.12, n.1, 2024, p.125-147.

MUÑOZ, Yolanda G. G. Esboçando uma transversal tipológica. In: Ponciano, João e Petry, Isadora (org.) *Meu caro Oswaldo Giacoia*. Quando o verdadeiro filósofo é o professor. Rio de Janeiro, Grupo Multifoco, 2024. p.82-97.

NIETZSCHE, Friedrich. *Obras incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues T.F, 3 ed. São Paulo, Abril Cultural, 1983, col. Os Pensadores.

NIETZSCHE, Friedrich *Crepúsculo de los ídolos*. Trad. de Andrés Sánchez Pascual. Madrid, Alianza, 1973.

NIETZSCHE, Friedrich *Götzen-Dämmerung*, Stuttgart, Insel Verlag, 1985.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*. Trad. de Andrés Sánchez Pascual. Madrid, Alianza, 1971.

NIETZSCHE, Friedrich *Ecce Homo*, Frankfurt. Insel Verlag, 1977.

PEDROSA, Verydiana *A eterna ampulheta do existir: Nietzsche e o fanatismo*. Faculdade:FAFICLA, Filosofia, PUC/SP, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Iniciação Científica PIBIC/CNPQ, 54f, 2023.

RADCLIFFE, Ann (atribuído) *Les visions de Château des Pyrénées*, Paris, 1803.

RUIZ, Raúl. *Entrevistas escogidas-Filmografía comentada*, Santiago de Chile, Ed. Universidad Diego Portales, 2013.

RUIZ, Raúl. *Poéticas del cine*, trad. Alan Paulus, Santiago de Chile, Ed. Universidad Diego Portales, 2013.